

## Os modificadores no fenómeno da Anáfora Associativa

*Maria Cândida Cantiga Esteves dos Reis Martins*

Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto

Começando pelo título – Os modificadores no fenómeno da Anáfora Associativa – o termo “Associativa” delimita um determinado tipo de Anáfora embora tenha em comum, com o fenómeno em geral, o facto de ser uma relação estruturadora de natureza sintáctico-semântica e de dependência referencial, entre diferentes elementos, responsável pela construção de sentido de um texto/discurso na medida em que contribui para a sua coesão, coerência e progressão.

Quanto a “modificadores”, interessou-me observar o comportamento de “anteriores” com modificadores porque, do contacto que tive com alguma literatura, constatei que, de uma forma geral, nos exemplos apresentados de *Anáfora Associativa*, ocorrem lexemas do tipo *um livro/o título, uma televisão/o comando*, exemplos esses em que a dependência referencial é facilmente interpretável, tanto numa perspectiva lexical como numa cognitiva, desde que o segundo termo seja marcado linguisticamente por uma definitude, permitindo ao locutor inferir que seja *o título do livro e o comando da televisão*.

Em termos muito genéricos, ocorre Anáfora quando entre duas expressões se estabelece uma relação de ligação podendo haver correferência ou não entre elas. Ora, a Associativa caracteriza-se pela não correferência entre os elementos, ou seja, pela disjunção referencial, daí o recurso a inferências, inferências essas que podem ser de vária ordem.

Assim, para o estabelecimento de uma Anáfora Associativa, é preciso que sejam satisfeitas algumas condições, entre elas, a definitude de um termo que, não tendo sido previamente introduzido no texto ou discurso, não goza, no entanto, de autonomia referencial, daí, conduzir o locutor à procura de um “antecedente” ou um termo “origem” que o complete ou sature.

Ora, na *Anáfora Associativa*, a procura desse “antecedente”, especialmente no interior de um texto, torna-se mais complexa pois essa localização mobiliza não só a competência linguística mas também a competência enciclopédica, correspondente à memória a longo prazo, e, ainda, uma memória a curto prazo que vai sendo fornecida pelo dinamismo do discurso. Essa localização mobiliza também aspectos morfológicos, sintácticos, semânticos, pragmáticos, lexicais e cognitivos.

Estes factores conjuntos revelam-se muito importantes para a interpretação dos fenómenos anafóricos, particularmente para os que envolvem termos associativos, porque, dada a não correferência entre os termos e a necessidade do recurso a inferências, torna-se fundamental localizar ou aceder à expressão “antecedente” pois vão sendo introduzidas novas entidades, como se fossem conhecidas, sendo este o mecanismo-motor da Anáfora Associativa, fenómeno original e rico, em termos de coerência e progressão textual, na medida em que assegura a continuidade articulando-a com a novidade.

Assim, suscitou-me curiosidade verificar que tipo de relações associativas se podem estabelecer com antecedentes cuja configuração é N + modificador adjectival e/ou preposicional ou modificador + N ou que importância pode ter um modificador no estabelecimento dessas relações.

Uma outra questão que se põe é se as relações estabelecidas se encontram ou não preestabelecidas, isto é, relações *a priori*, um tipo de relação que assenta na semântica dos constituintes sendo, por isso, preestabelecida no léxico, devendo ter um carácter genérico e não contingente (*Um livro/o título*) ou *a posteriori*, um tipo de relação construída pelo discurso que, por si só, é onnipotente para estabelecer a relação anafórica associativa, podendo ter um carácter puramente ocasional e ser válida apenas para o contexto evocado (*uma televisão/o comando*).

Como pontos comuns, a necessidade do recurso a um processo inferencial e a definitude do termo anafórico, como já foi dito.

Na maior parte dos casos, os antecedentes são nomes não modificados, daí eu ter questionado que tipo de termos anafóricos associativos poderão ser desencadeados por nomes com modificadores como *morcegos inspiradores* ou *abelhas detectoras* ou, ainda, *estudiosos de abelhas e casca de bananas*, exemplos esses encontrados nos textos estudados<sup>1</sup>.

A minha reflexão desenvolveu-se em pequenos textos, retirados de uma Revista, não sendo, por isso, construídos por mim.

De entre eles, seleccionei o seguinte:

### **MORCEGOS INSPIRADORES**

*Uma nova invenção poderá, dentro de pouco tempo, melhorar a qualidade de vida dos cegos. Trata-se do Spatial Imager, um invento que aproveita as características dos morcegos para ajudar os humanos: tal como fazem estes mamíferos voadores, o objecto emite ultra sons (pequenas vibrações) para os dedos, avisando o seu detentor da presença de obstáculos no caminho. Além de ser mais fiável do que as tradicionais bengalas, o Spatial Imager tem a vantagem adicional de poder ser incorporado, por exemplo, numa luva, evitando assim a exposição desnecessária dos invisuais. Os ultra sons já eram usados em diversas actividades humanas, mas ainda ninguém se tinha lembrado de os colocar ao serviço dos invisuais. A ideia surgiu a uma equipa de investigadores ingleses, que pôs imediatamente mãos à obra, realçando o facto de este tipo de objecto poder também ser usado, por exemplo, por bombeiros e mergulhadores, em locais de fraca visibilidade. Os cientistas esperam comercializar o invento dentro de dois anos. (Tempo livre, Março, 2000:51).*

<sup>1</sup> Veja-se MARTINS, M. C., 2001, *Anáfora Associativa - Algumas Questões*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, FLUP, Porto.

Começando pelo título, o mesmo é constituído por um N, *morcegos*, designando uma classe de entidades [+anim] e [-hum], e um modificador, *inspiradores*, adjectivalização deverbal que, pela sua formação, sufixo -dor, pode ser parafraseável por “o que inspira”.

É, assim, atribuída uma propriedade, a propriedade de inspirar, às entidades denotadas pelo N.

Quero chamar a atenção para o traço [-hum] porque, ao longo do discurso, a definitude dos SNs, *os humanos*, *os dedos* e *a luva* só é possível pela relação anafórica associativa estabelecida com o antecedente *morcegos*, introduzido no título, e como complemento do SN, *as características*, e que sabemos serem entidades [-hum]. Da mesma maneira, a descrição definida, *estes mamíferos voadores*, devido à ocorrência do modificador adjectival, *voadores*, estabelece um tipo de anáfora nominal lexical (uma vez que os lexemas são diferentes) e correferencial infiel com o antecedente *morcegos*, anáfora do tipo hipo/hiperónimo que os falantes não têm qualquer dificuldade em reconhecer, excluindo para antecedente entidades com o traço [+hum]. Como se sabe, os traços sémicos são extremamente relevantes na selecção de uma estrutura argumental.

Retomando o título, dada a natureza aspectual da forma de base do modificador, V *inspirar*, e o N ser uma entidade com o traço [-hum], não havendo, por isso, intencionalidade, não se lhe pode atribuir o papel temático de agente. Contudo, a estrutura argumental do deverbal, *inspiradores*, não está preenchida pois a entidade afectada pelo V, ou o beneficiário, (isso vai depender do contexto) não se encontra realizada lexicalmente, tendo em conta que “X inspira Y” ou mesmo “X inspira Y a Z”.

Assim, pode considerar-se que o título goza de uma incompletude na medida em que o adjectival tem uma estrutura argumental que cabe ao discurso saturar. Embora o título possa dar alguma instrução ou orientação é, no entanto, o primeiro período do texto que sintetiza o assunto a tratar. São introduzidos no universo textual dois SNs de configuração diferente, *uma nova invenção*, cujo núcleo é uma nominalização deverbal, e, *a qualidade de vida dos cegos*, que tem como núcleo um N, *a qualidade*, e dois modificadores SPREPs, sendo *de vida* o complemento de *a qualidade* e *dos cegos* o complemento de *vida*. Vamos ver a importância destes elementos na progressão do discurso e o seu contributo no estabelecimento de relações anafóricas.

Relativamente à primeira expressão textual, *uma nova invenção*, que tem como modificador o adj *nova*, é um SN introduzido por um quantificador existencial, *uma*, determinação que é dada ou orientada exactamente pelo modificador que tem a função de singularizar. Na verdade, o adjectivo *nova* é um modificador de um evento que, neste caso, é *uma invenção*. Significa que se trata de um objecto novo, não conhecido mas que, através do modificador, é um objecto pressuposto, pressupõe-se que exista. A invenção não existia e passou a existir, tratando-se mesmo de um objecto específico porque o adjectivo modifica o aspecto temporal e situacional do nominal e suscita uma interpretação específica.

A este tipo de modificadores, Demonte (1999) chama adjectivos circunstancias que podem ser de tempo, lugar ou modo, isto é, um modificador espaço-temporal do nominal.

Quanto ao nominal, dado o seu processo de formação, V. *inventar* como forma de base, pode ser-lhe dada uma leitura eventiva ou uma leitura resultativa, dependendo essa

interpretação de o nominal se centrar no evento ou no seu resultado, cabendo a mesma também ao discurso. (Brito & Oliveira, 1995; Rio-Torto, 1997).

Ora, a orientação do discurso, através das formas verbais, *poderá*, e, na sequência seguinte, *trata-se*, passando de uma possibilidade para uma realidade, e a introdução de uma nova entidade, um nome próprio, *Spacial Imager* que, ao atribuir um nome a *um invento*, designando rigidamente o seu referente, permite ao interlocutor interpretar o nominal *invenção*, como um resultativo com propriedades predicativas e estrutura argumental e *um invento*, como um N individual com propriedades referenciais. (Martins, 2001).

As diferentes leituras resultam não apenas do contexto, mas de factores etimológicos e morfológicos porque a mesma forma de base, V *inventar*, deu origem, em português, a dois processos de formação diferentes e, conseqüentemente, a produtos finais diferentes, *invenção* (inventione) e *invento* (do participio passado latino *inventum*, encontrado, descoberto), decorrendo daí comportamentos linguísticos diferentes.

Na verdade, enquanto o nominal *invenção* pode ter várias leituras, dependendo do contexto, o nominal *invento* comporta-se como um nome não derivado, qualquer que seja o contexto, pois o facto de, ao longo do discurso, o SN, *um invento*, ser anaforizado, por retoma, por expressões definidas e referenciais como, *o objecto*, *este tipo de objecto* e *o invento* é um comportamento linguístico que permite a sua inclusão na classe de entidades concretas e discretas.

Um outro indicador é a comparação explícita, *mais fiável do que* (...), entre o nome próprio e *as tradicionais bengalas*, um SN que tem como núcleo um N igualmente concreto, *bengalas*, cujo referente é um utensílio, e um modificador, adjectivo derivado, *tradicionais*.

Ora, sendo o SN, *as tradicionais bengalas*, introduzido no discurso sob a forma do definido, torna-se necessário localizar um antecedente que o sature. O acesso a esse antecedente, através do modificador, *tradicionais*, mobiliza um conhecimento prévio e convencional de que a um cego se associa uma bengala, permitindo ao locutor localizá-lo num dos complementos do SN, previamente introduzido no discurso, *a qualidade de vida dos cegos*. É o adjectival *tradicionais* que vai estabelecer uma conexão entre *bengala* e um domínio externo a ela, *os cegos*. Trata-se, assim, de um adjectivo relacional, marcador de uma situação, atribuindo ao N uma determinada função e essa função é servir para alguém ou para alguma coisa. Neste contexto específico, o adjectivo não modifica o N, *bengalas*, termo anafórico associativo, mas vai estabelecer uma relação de uso e possessão com o antecedente, *cegos*.

Pode considerar-se um tipo de anáfora associativa, *a priori*, na medida em que se trata de um estereótipo porque pode ser parafraseado por *tradicionalmente* ou *segundo a tradição*.

Relativamente ao nominal, *uma invenção*, sendo um nome sincategoremático, depende ontologicamente de outra entidade (não pode haver uma invenção sem que haja alguém que tenha inventado alguma coisa), sendo necessário procurar no texto um actante com o traço [+hum] que possa preencher esse argumento. O SN capaz de desempenhar essa função é *uma equipa de investigadores ingleses*, estabelecendo-se uma anáfora associativa actancial, tendo como "antecedente" o deverbal, *invenção*, e, como termo anafórico, o SN, *uma equipa de investigadores ingleses*, ou seja, entre o resultado de um

evento e a entidade implicada nesse evento. O modificador adjectivo, *ingleses*, dado ser um adjectivo gentílico, tem uma função restritiva pois, juntamente com o N, nomeia um grupo de indivíduos distinguíveis, escolhidos do conjunto designado pelo N referido no universo do discurso.

Em termos de fenómeno anafórico, este modificador apenas acrescenta informação pois não impediria a relação anafórica associativa estabelecida com o seu “antecedente”.

A inferência que permite atribuir o argumento, *uma equipa de investigadores ingleses*, ao nominal, *invenção*, não se faz de forma directa mas por intermédio de uma nova entidade introduzida sob o modo do definido, *a ideia*, pela natureza aspectual do predicado, *surgir*, e por outros elementos cotextuais como *pôs imediatamente mãos à obra*, explicitamente associados, semântica e sintacticamente, ao SN, *uma equipa de investigadores ingleses*, elementos que contribuem para acrescentar informação e estruturar o discurso de maneira a que haja coerência à medida que o mesmo vai progredindo.

Por outro lado, o conhecimento linguístico dos falantes permite associar o nome abstracto, *ideia*, ao nominal, *inspiração*, não realizado lexicalmente, mas produto derivado tendo como forma de base a mesma do adjectivo, *inspiradores*, V *inspirar*, pois uma *ideia* resulta de uma *inspiração*.

Assim, é pelo viés da introdução do SN, *a ideia*, que vai ser atribuído ao SN, *uma equipa de investigadores ingleses*, o papel temático de afectado exigido pelo título, *morcegos inspiradores*, cujo adjectival, como vimos, precisava de um argumento para se saturar, estabelecendo-se, então, entre o SN *uma equipa de investigadores ingleses* e o modificador adjectival, *inspiradores*, uma anáfora de tipo actancial, *a posteriori*. Relativamente ao papel semântico do N modificado, *morcegos*, poder-se-á atribuir, por aquilo que foi exposto, o de “causa” ou “instrumento”<sup>2</sup> de inspiração, saturando-se, assim, a estrutura argumental exigida.

Sintetizando o que fui desenvolvendo ao longo desta comunicação, vou fazer algumas observações acerca do que me propus reflectir.

Fazendo um levantamento da ocorrência de modificadores e complementos, observámos: *inspiradores, nova, dos cegos, dos morcegos, voadores, tradicionais e ingleses*.

<sup>2</sup> Segundo Villalva & Correia (2000:609), e relativamente à polissemia dos nomes em *-dor*, a proposta de Jakobson (1936, 1962) é a de que «o processo de formação de palavras está associado a um significado muito geral e vago, e a interpretação específica de cada palavra complexa gerada por esse processo é determinada pelo contexto, situação e / ou conhecimento do mundo. No caso de *-dor*, essa interpretação geral e vaga pode ser representada pela paráfrase ‘o que faz’. A esta hipótese pode associar-se uma proposta de Dressler (1986), segundo a qual a categoria conceptual Agente permite uma extensão do seguinte tipo:

*agente>instrumento>locativo>*

A proposta de Dressler (1986) baseia-se na teoria geral de Risch (1977) sobre categorias conceptuais, segundo a qual as categorias conceptuais são instanciadas de forma mais ou menos prototípica, sendo a fronteira entre o que é mais e o que é menos prototípico uma fronteira fluida. Segundo Dressler, os agentes humanos são os agentes mais prototípicos.

Assim, nos casos em que o sufixo *-dor* se associa a bases de verbos cujo sujeito é Agente, prevê-se que a sua interpretação típica seja a de agente humano, mas também se prevê que sejam possíveis outras interpretações agentivas, como a de instrumento.».

1. Começando pelos modificadores, sintagmas preposicionais complementos do N, *dos cegos*, complemento de *a vida* e *dos morcegos*, complemento de *as características*, o primeiro ocorreu como antecedente do termo anafórico, *as tradicionais bengalas* e o segundo como antecedente de *os humanos*. Sendo ambos introduzidos pela preposição *de*, têm um valor de pertença ou posse, em sentido amplo, correspondente ao genitivo e equivalente ao possessivo como se pode observar substituindo por *sua vida* e *suas características*.

Como chamada de atenção, o facto de os antecedentes se localizarem nos complementos e não nos núcleos do SN, o nome.

2. Quanto a modificadores adjectivos e adjectivais, o comportamento linguístico não é homogéneo. Na verdade, as classes e subclasses dos diferentes tipos de adjectivos e a complexidade de relações léxico-sintácticas que os mesmos estabelecem, não só com os nomes que modificam como com os argumentos exigidos por eles, impede que as relações se encontrem preestabelecidas no léxico, sendo, na maior parte, construídas pelo discurso.

Na verdade, um adjectivo modificador acrescenta propriedades a um objecto físico ou mental cuja especificação serve para definir ou delinear com maior precisão a entidade nomeada para a caracterizar e identificar entre várias similares, para a classificar ou estabelecer taxonomias culturais e científicas, para indicar relações genéticas ou meronímicas e outras.

O tipo de adjectivo, bem como a sua posição dentro do sintagma, (ante ou posposto ao N), é, assim, um factor determinante no fenómeno da Anáfora Associativa na medida em que os mesmos orientam num determinado sentido.

Por outro lado, para entender o significado de uma expressão completa, SNs com modificadores, é necessário um conhecimento acerca do que são e como são os objectos designados, os objectos modificados, sem esquecer a forte dependência do contexto.

No estabelecimento do fenómeno anafórico associativo, encontrámos modificadores, tanto no antecedente como no termo anafórico, na estrutura dos Sintagmas Nominais e o que se pode concluir é que as relações de modificação semântica afectam ou podem afectar a significação ou intensão dos nomes.

Com efeito, os modificadores, ao complementarem o nome, atribuem um novo sentido às entidades denotadas. Esta questão é importante porque os nomes com modificadores constituem extensões desses nomes e são, muitas vezes, os modificadores ou as funções exercidas por eles e os significados que os mesmos expressam, e não propriamente os nomes, que servem de instrução para desencadear a anáfora.

3. No domínio da derivação, adjectivalizações, a maior parte das palavras só por si não denota um referente único mas cria um potencial de referências que outros elementos ou o próprio discurso constrói e satura.

Como afirmou Rio-Torto (1997), relativamente a produtos nominais, «a interacção entre o produto nominal e o contexto complexifica-se, pois a interpretação daquele é duplamente condicionada pela sua estrutura interna e pela estrutura (micro- e macro-) textual circundante».

Assim, importa ponderar o peso que as formas de base têm na representação de propriedades, de estados e de eventos.

\* \* \*

Pelo exposto, não é possível enquadrar o fenómeno da Anáfora Associativa, tendo como Antecedentes nomes com modificadores, apenas numa das duas teses propostas na literatura pelo que sugiro uma terceira via que designei de *léxico-discursiva*.

De facto, a tese *léxico-estereotípica* (Kleiber, 2001) considera que as relações estabelecidas entre o termo “antecedente” e o termo anafórico devem estar previamente inscritas ou definidas no léxico, relações *a priori*, ou tenham, pelo menos, um carácter genérico. Essa perspectiva mostra-se insuficiente com este tipo de Antecedentes pois o discurso vai construindo não só relações *a posteriori*, válidas em situações particulares, como vai fixando e preenchendo as grelhas argumentais exigidas pelos modificadores.

Relativamente à tese *discursivo-cognitiva* que considera o discurso onnipotente para estabelecer relações, sendo as mesmas relações *a posteriori*, se não tiverem em conta determinadas restrições impostas pelo léxico, dificultam uma definição interna da génese do fenómeno, impedindo o estabelecimento de balizas na interpretação da Anáfora Associativa. Há, de facto, uma estreita relação entre o léxico e o discurso na medida em que as inferências se apoiam não só na competência linguística como nos elementos que o discurso vai fornecendo, apelando à competência enciclopédica. Por outro lado, como os modificadores atribuem um novo sentido às entidades denotadas, criam-se, no discurso, relações novas que o próprio discurso, nas sequências seguintes, apresenta como já adquiridas, generalizando situações que foram introduzidas como particulares. Considero, por isso, que muitas dessas relações são relações *a posteriori* e optei pelo cruzamento das duas teses, considerando-as não opostas mas complementares, articulando o léxico ao discurso. (Martins, 2001).

## Referências

- Bosque, I. & V. Demonte (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, 1 - *Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, S.A.
- Brito, A. M. & F. Oliveira (1995) Nominalization, Aspect and Argument Structure. In *Interfaces in Linguistic Theory*. Associação Portuguesa de Linguística, Colibri, pp. 57-80.
- Brito, A. M. (1996a) A ordem de palavras no SN em português numa perspectiva de Sintaxe comparada – Um caso particular: os Ns deverbais eventivos. In *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. I. Lisboa : Edições Colibri, A. P. L., pp. 81-106.
- Charolles, M. (1991) Anaphore associative, stéréotype et discours. In *L'Anaphore Associative*. Metz : Faculté des Lettres et Sciences Humaines, pp. 67-92.
- Charolles, M. (1999) Associative anaphora and its interpretation. *Journal of Pragmatics*, vol 31, n° 3, March 1999. Amsterdam: Elsevier, pp. 311-326.
- Fonseca, J. (1988) Coerência do Texto. *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas*, II série, Vol. V – Tomo 1. 1988, pp.7-18.

- Fonseca, J. (1992) *Linguística e Texto/Discurso, Teoria*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Kleiber, G. (ed.) (s/d) *Rencontre(s) avec la Généricité*, Recherches Linguistiques, Metz : Faculté des Lettres et Sciences Humaines.
- Kleiber, G. (2001) *L'anaphore associative*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Martins, M. C. (2001) *Anáfora Associativa – Algumas Questões*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, FLUP: Porto.
- Oliveira, F. (1988) *Relações anafóricas: algumas questões*. Estudo para discussão como prova complementar de doutoramento em Linguística Portuguesa, Porto.
- Oliveira, F. (1995) Aspecto, referência nominal e papéis temáticos. In *Línguas e Literaturas in honorem Prof. Óscar Lopes, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Vol. XII, 1995, pp. 55-73.
- Oliveira, F. (1996) Semântica. In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Cap. VII. Lisboa: Editorial Caminho, SA., pp. 333-379.
- Pereira, S. G. C. (1999) Predicados Adjectivais: Propriedades Semânticas e Aspectuais. In *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. II. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 309-320.
- Rio-Torto, G. M. (1996) Processos e Paradigmas de Formação de Palavras em Português. In *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol III. Lisboa: Edições Colibri, A.P.L., pp 275-291.
- Rio-Torto, G. M. (1997) Construção e Interpretação: O exemplo dos Nomes Heterocategoriais. In *Sentido que a Vida faz, Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, pp. 815-834.
- Villalva, A. & C. N. Correia (2000) Morfologia e Semântica dos Nomes-Sujeito. In *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol II, Braga, Gráfica de Coimbra, Lda.